



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**SÉRGIO JORDÃO NÓBREGA**

**TURMALINA PARAÍBA: AS CRATERAS DE SALGADINHO-PB E A  
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DOS MINERADORES (1989-2015)**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

SÉRGIO JORDÃO NÓBREGA

**TURMALINA PARAÍBA: AS CRATERAS DE SALGADINHO-PB E A  
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DOS MINERADORES (1989-2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciado em História.

**Orientador:** Profa. Deise Silva Sousa

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N754c Nobrega, Sergio Jordao.  
TURMALINA PARAÍBA: [manuscrito] : As crateras de Salgadinho-PB e a exploração do trabalho dos mineradores (1988-2015) / Sergio Jordao Nobrega. - 2022.  
28 p. : il. colorida.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

\*Orientação : Profa. Ma. Deise Silva Sousa, Coordenação do Curso de História - CEDUC.\*

1. Turmalina Paraíba. 2. Mineração. 3. Trabalho semiescrevo. 4. Salgadinho - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 549

**SÉRGIO JORDÃO NÓBREGA**

**TURMALINA PARAÍBA: AS CRATERAS DE SALGADINHO-PB E A  
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DOS MINERADORES (1989-2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em  
História.

Aprovada em: 15/03/2022.

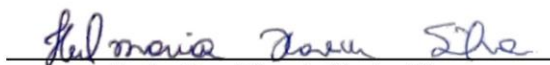
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Ma. Deise Silva Sousa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN



Profa. Dra. Hilmaria Xavier Silva  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

A minha mãe, Maria Solange, ao meu pai, José Luciano, a minha esposa, Rozilda Silva, e as minhas irmãs, Lúdia e Simone, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos difíceis, DEDICO.

“Na pedra de turmalina  
E no terreiro da usina  
Eu me criei  
Voava de madrugada  
E na cratera condenada  
Eu me calei  
E se eu calei foi de tristeza  
Você cala por calar  
Mas e calado vai ficando  
Só fala quando eu mandar”

Zé Ramalho

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>Figura 01</b> – Distribuição das mineradoras no Brasil.....	14
<b>Figura 02</b> – Mapa com o Território de Salgadinho.....	16
<b>Figura 03</b> – Instalações empregadas na mineração em São José da Batalha, Salgadinho/PB.....	17
<b>Figura 04</b> – Barris repletos de Turmalina Paraíba pela Polícia Federal.....	19
<b>Figura 05</b> – Carteira de trabalho de Pedro Soares da Silva.....	22

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 HISTÓRIA E PERCURSO: O PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DA TURMALINA PARAÍBA.....</b>	<b>11</b>
2.1 Breve histórico da exploração de minérios no Brasil.....	11
2.2 A exploração de minérios na Paraíba.....	14
2.3 O Distrito de São José da Batalha da Cidade de Salgadinho: histórico, aspectos territoriais e descoberta da Turmalina Paraíba.....	14
<b>3 MEMÓRIA E HISTÓRIA DO PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DA TURMALINA PARAÍBA: DO SUBDESENVOLVIMENTO DA REGIÃO À DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO.....</b>	<b>16</b>
3.1 A Operação Sete Chaves e a desativação da mina.....	16
3.2 Trabalho semiescravo: memória dos mineradores e precariedade das condições a partir de reportagens de jornais televisivos.....	19
3.2.1. Os mineradores e suas memórias: a exploração do trabalho humano.....	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>



## TURMALINA PARAÍBA: AS CRATERAS DE SALGADINHO-PB E A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DOS MINERADORES (1989-2015)

## TURMALINA PARAÍBA: LOS CRÁTERES DE SALGADINHO-PB Y LA EXPLORACIÓN DEL TRABAJO DE LOS MINEROS (1989-2015)

Sérgio Jordão Nóbrega

### RESUMO

Este estudo tem como objetos: a Turmalina Paraíba, sua exploração na cidade de Salgadinho-PB e a prática do *trabalho semiescravo* (DECRETO-LEI Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940) nessa atividade. Tem como objetivo geral, situar a historicidade das relações humanas envolvidas no funcionamento da mina localizada no distrito de São José da Batalha; para entender as condições sociais e econômicas vivenciadas pelos mineradores da região. Tomando como recorte temporal o período que vai do ano de 1989 até o ano de 2015. Esta pesquisa partiu da leitura de fontes escritas e audiovisuais, tais como: inquéritos policiais, artigos de jornais, reportagens televisivas e sites de notícias, entre outras. Neste exercício, buscamos nos aproximar de leituras referenciais para os campos da História Social e da História Local, a partir das ideias de Michael Pollak (1989) no que diz respeito à relação entre memória e identidade social.

**Palavras-Chave:** Turmalina Paraíba. Mineração. Trabalho semiescravo. Salgadinho-PB.

### RESUMEN

Este estudio tiene como objetos: la Turmalina Paraíba, su exploración en la ciudad de Salgadinho-PB, y la práctica del trabajo semiesclavo (DECRETO-LEY Nº 2.848, de 7 de diciembre de 1940) en esta actividad. Tiene como objetivo general situar la historicidad de las relaciones humanas involucradas en la operación de la mina ubicada en el distrito de São José da Batalha; comprender las condiciones sociales y económicas que viven los mineradores en la región. Tomando como marco temporal el período de 1989 a 2015. Esta investigación partió de la lectura de fuentes escritas y audiovisuales, tales como: investigaciones policiales, artículos periodísticos, reportajes televisivos y sitios de noticias, entre otros. En este ejercicio buscamos acercarnos a lecturas referenciales para los campos de la Historia Social y la Historia Local, a partir de las ideas de Michael Pollak (1989) sobre la relación entre memoria e identidad social.

**Palabras clave:** Turmalina Paraíba. Minería. Trabajo Semiesclavo. Salgadinho-PB.

## 1 INTRODUÇÃO

Na cidade de Salgadinho-PB, mais especificamente no distrito de São José da Batalha, nos deparamos com o subsolo rico com uma das pedras mais preciosas do mundo, que é a Turmalina Paraíba, ela é uma cidade que possui escassez de empregos e conseqüentemente um grande número de famílias pobres que, algumas vezes, se sujeitam a qualquer tipo de emprego apesar de carregar na sua história ser o berço desta rara pedra.

A Turmalina Paraíba é composta de traços de cobre, manganês e ouro em proporções únicas e, por isso, é considerada uma das pedras mais caras, raras e cobiçadas do planeta Terra. Sua cor peculiar, azul incandescente, é resultado desses percentuais que resultam em até 2% de cobre, diferente das pedras de turmalinas encontradas em outras regiões do mundo, por exemplo, as da África que não chegam a 0,80%, neste aspecto está o seu diferencial (SOARES; et. al. 2018).

A turmalina foi encontrada pela primeira vez no distrito de São José da Batalha do município de Salgadinho, em 1982, por Heitor Barbosa. Décadas depois, em 2019, das cinco jazidas encontradas no mundo, três delas estavam no território brasileiro e as outras duas na África, em Moçambique e na Nigéria. A pedra é utilizada para confeccionar sofisticadas jóias que, por sua vez, são comercializadas nos mercados nacionais e internacionais. Estima-se que um quilate<sup>1</sup> da Turmalina Paraíba custa em média entre 30 mil e 100 mil dólares (BRITO, 2013).

A exploração das minas sempre foi algo que repercutiu negativamente no município de Salgadinho, pois mesmo que essa pedra seja considerada preciosa e que lhe seja atribuído um valor de mercado tão alto, a população, de forma geral, não se beneficiava de sua extração em função da ilegalidade da atividade na região, pois a exploração mineral deve ter os seus recursos partilhados entre os Estados da federação, municípios e demais órgãos o que neste caso não aconteceu. Acrescenta-se a constatação de que o trabalho dos mineradores (classificado como sendo de alto risco) se dava em condições precárias de execução, porque além deles não possuírem os materiais adequados para exercerem seu cargo, a remuneração não era adequada assim como trabalhavam sob carga horária abusiva (FEITOSA; et. al. 2019) (MOSCOGLIATO, 2000, p. 10).

A escolha dessa temática se fez presente, durante o decorrer do curso de História, quando me questionei sobre os motivos de alguém cogitar e, até mesmo, aceitar que a sua fonte de renda parta de um serviço executado em condições tão precárias, em um lugar sem perspectiva de melhoria de vida, em condições exaustivas, tais como eram as circunstâncias dos mineradores do Distrito de São José da Batalha. Essa pesquisa se torna importante não apenas pelo enfoque dado à exploração da mão de obra dos mineradores da pedra turmalina, mas também pela tentativa de interpretar, representar e apresentar as condições de produção de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade social e miséria.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral, situar a historicidade das relações humanas envolvidas no funcionamento da mina localizada no distrito de São José da Batalha; para entender as condições sociais e econômicas vivenciadas pelos mineradores da região. E tem como objetivos específicos: a) contextualizar a exploração da Turmalina Paraíba na história da obtenção de minério e pedras

---

<sup>1</sup> Os quilates (ct) são unidades padrão para medir o peso das pedras com o objetivo de realizar uma padronização do tamanho específico de uma pedra. É importante atentar que quilates e kilates tem definições diferentes, pois o segundo serve para definir a pureza do ouro.

preciosas no Brasil; b) analisar o processo de exploração ilegal da Turmalina Paraíba através da documentação produzida em torno da *Operação Sete Chaves*<sup>2</sup> (2015); e, c) investigar a elaboração de memórias do trabalho nas minas a partir das fontes escritas e audiovisuais.

A desigualdade econômica é um fator importante nesse contexto, pois se apresenta como um dos resultados do cenário composto desde 1989 (com a descoberta das minas) através da exploração da mão de obra, pela falta de estrutura adequada para o trabalho nas minas, pela ausência de fiscalização por parte dos órgãos responsáveis, entre outros fatores. Portanto, a descoberta da comercialização indevida desta pedra preciosa em 2015, através da divulgação da investigação policial então em curso, torna público o contraste entre o potencial de acumulação de riqueza da região e as condições precárias de subsistência de parte da população do distrito de São José da Batalha. De modo que 1989 e 2015 delimitam o recorte temporal que norteou esta investigação.

Esta pesquisa se aproxima do campo da História Social, na medida em que aborda as fontes em busca de uma leitura das relações sociais de trabalho através de elementos que evidenciem os modos de produção e reprodução da experiência da classe mineradora no Distrito de São José da Batalha. Sob as lentes da História Social, observamos os modelos e mecanismos de organização social e as máquinas produtoras de diferenças e desigualdades (BARROS, 2005). Contudo, não pretendemos limitar este trabalho a uma definição fechada de campo de conhecimento, pois sabemos que a história social dialoga com a história política, cultural, econômica, local entre outros. Além disso, destacamos que

É preciso ter em vista, antes de mais nada, que estas dimensões a serem definidas como 'instâncias da realidade social' são em todos os casos construções do historiador, contendo a sua parcela de arbitrariedade e a sua possibilidade de flutuações ao longo do desenvolvimento da história do pensamento historiográfico. (BARROS, 2005, p. 5).

Pela delimitação do objeto de análise a partir do recorte geográfico, esta pesquisa também se enquadra nos estudos da História Local, entendendo que estamos tratando de um espaço de experiência cotidiana atingido pela dinâmica da produção e reprodução do capital, nacional e internacionalmente; com consequências observáveis nas dinâmicas macro e micro do cotidiano. Consideramos ainda, que esta pesquisa se expressa como uma história local, por produzir uma análise com o local como centro de uma discussão social. Como bem coloca Barros (2009).

Começaremos por dizer que, na "História Regional" ou na "História Local", a "região", o "local", o "espaço", são trazidos de fato para o centro da análise. O "lugar", na História Local, não se relaciona apenas à dimensão local dentro da qual se produz o trabalho do próprio historiador; aqui, o "local" é trazido para uma posição importante no palco da análise historiográfica. Nada impede que esta mesma "história local" – esta história cujo historiador considerou importante chamar de "local" em virtude da centralidade que o "lugar" ocupa na sua análise historiográfica – seja também ela uma História Cultural, uma História Política ou uma História Econômica, ou inúmeras outras modalidades (BARROS, 2009, p. 5).

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.pf.gov.br/agencia/noticias/2015/05/pf-combate-a-extracao-ilegal-de-turmalina-paraiba>

Ao considerar a localização das minas em relação aos centros urbanos que com elas se relacionam diretamente, constatou-se a existência de um processo de invisibilização dos indivíduos envolvidos na atividade de extração da Turmalina Paraíba. Uma vez que as minas em questão se localizam à 19 quilômetros do centro da cidade de Salgadinho, não dispo de estruturas que viabilizem o exercício da cidadania por parte dos trabalhadores (estradas asfaltadas, saneamento básico, transporte, educação e repartições públicas, por exemplo), marginalizando aqueles que se fixaram na região, pelo distanciamento em relação aos centros de decisão política e de oferta de aparatos de cidadania, numa divisão política do território que hierarquiza as atividades produtivas e subvaloriza diferentes grupos de indivíduos em relação a outros.

Concordamos com Roberto Lobato Corrêa (2007, p.40), ao afirmar que a marginalização espacial é dada pelo “valor atribuído a um dado lugar e pode variar ao longo do tempo. Razões de ordem econômica, política ou cultural, podem alterar a sua importância e, no limite, marginalizá-lo, deixando-o à margem da rede de lugares a que se vinculava”. Observamos ainda, que o lugar estudado passa por este processo ao mesmo tempo em que se caracteriza como um lugar importante para a dinâmica produtiva da região, tendo em vista o seu potencial enquanto gerador de renda para o município.

Portanto, ler nas fontes a construção de memórias e características deste lugar foi um exercício de crucial importância ao longo desta pesquisa, pois possibilitou o acesso a dados que, por sua vez, ajudaram a construir uma interpretação destas memórias e dos processos de identificação da região em questão; não somente enquanto marco geográfico, mas também como lugar socialmente elaborado através das relações de trabalho estabelecidas.

Levando em consideração esses pontos, foi nas reportagens de TV e nas matérias de jornal impresso que encontramos rastros, fragmentos de memórias individuais de alguns trabalhadores dedicados à mineração. Nestas lembranças é perceptível o atravessamento de sentimentos como o de tristeza e de sensações como a de fadiga.

Entendendo que as condições de trabalho em questão podem orientar uma classificação do mesmo como *semiescravo* (DECRETO-LEI Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940), consideramos a abrangência do impacto causado por essa situação como aspecto que não somente atinge os trabalhadores diretamente envolvidos, mas suas famílias, colaborando para o agravamento de uma situação de fragilidade social e econômica vivenciada por muito mais indivíduos.

É importante destacar que esta realidade não era natural, mas construída pela ganância daqueles que se mantiveram nos lugares de poder e enriqueceram com a precarização do trabalho alheio, numa região geograficamente afastada dos grandes centros urbanos, onde a falta de fiscalização permitiu a exploração ilegal de minério e do trabalho humano.

Daí a importância da utilização de conceitos de *memória* e *identidade social*, advindos da leitura de Michael Pollak (1989). Ao dar ênfase às memórias dos grupos sociais considerados excluídos, marginalizados e minoritários; fazemos ao mesmo tempo, uma denúncia em relação às atuais condições de existência da população atingida pelo processo abordado, e uma análise do impacto de uma cultura de exploração de recursos ambientais e humanos. De modo que as memórias relatadas nas próximas páginas entram em disputa com elaborações que atendem a interesses diversos, diante dos quais nos posicionamos em favor daqueles que por muito tempo

foram alvo dos processos de exclusão e silenciamento. Chamamos a atenção para o fato de que:

O materialista histórico deve ficar atento ao “sopro” dos derrotados na história. Eles se apresentam na forma “refinada e espiritual”: na confiança, na coragem, no humor, na astúcia e na firmeza, pois “elas questionaram sempre cada vitória dos dominadores” (SIQUEIRA, 2014, p. 15).

Para a execução desta pesquisa utilizaremos uma abordagem qualitativa, fundamentada em fontes documentais diversas como reportagens e artigos veiculados na televisão, nos portais e sites de notícias, entre outros. Para isso, fizemos uso da pesquisa bibliográfica ao reunir artigos e outras produções intelectuais acerca da Turmalina Paraíba na cidade de Salgadinho e a exploração do trabalho dos mineradores. Dentre as fontes utilizadas estão as matérias de reportagem da *União, Fantástico, Cariri Ligado, Repórter em Ação* e *Bom Dia Paraíba*.

Esta pesquisa contribui com o enriquecimento de escritos sobre este assunto. Sua pertinência está relacionada ao movimento de dar ouvidos a falas que por muito tempo passaram por tentativas de silenciamento. Além disso, acreditamos que uma região com tantas riquezas, não apenas com ocorrências de Turmalina Paraíba, mas de outros minerais com alto valor econômico, desperta interesse; podendo ser objeto de estudo, tanto em universidades quanto de órgãos do governo.

Portanto, levantamos a hipótese de que a exploração da Turmalina Paraíba no referido local, deixou marcas profundas no contexto social, atingindo principalmente os trabalhadores das Minas que foram negligenciados durante o processo.

O trabalho está dividido em três partes. No primeiro item, intitulado **A mineração: história e percurso**, faremos uma breve abordagem sobre o processo de mineração no Brasil de modo a contextualizar o tema, dando foco aos relatos da historiografia no cenário paraibano e especificamente na cidade de Salgadinho. No segundo item, nomeado **Memória e História: o processo de exploração da Turmalina Paraíba**, analisaremos o processo de descoberta da extração ilegal de Turmalina Paraíba e as memórias dos mineradores obtidas a partir das entrevistas de jornais realizadas na época. Por último, nas **Considerações finais**, apresentamos os resultados do trabalho de pesquisa e da análise feitos, sob a forma das perspectivas que se abriram no horizonte de exploração deste tema.

## 2 HISTÓRIA E PERCURSO: O PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DA TURMALINA PARAÍBA

### 2.1 Breve histórico da exploração de minérios no Brasil

A mineração é uma prática de exploração muito antiga. Está entre os objetivos dos primeiros europeus que chegaram às Américas por volta de 1492, e neste contexto, se insere entre as demandas dos portugueses em território brasileiro desde os primeiros contatos. Americanistas como Tzvetan Todorov identificaram a extração do ouro como um dos motivos que impulsionaram a invasão do continente.

Nas primeiras páginas de *A conquista da América: a questão do outro*, o referido autor afirma que:

O ouro, ou melhor, a procura deste (já que não se encontra quase nada no início), está onipresente no decorrer da primeira viagem”. No dia seguinte à

descoberta, 13 de outubro de 1492, ele anota em seu diário: ‘Estava atento e tratava de saber se havia ouro’ (2010, p.9).

Por esse motivo, ao direcionarmos nosso olhar para a história da exploração de matéria-prima mineral no Brasil, constatamos que se trata de uma experiência carregada de marcas oriundas do processo de colonização europeia. No caso brasileiro, os recursos minerais foram encontrados apenas muito tempo depois dos primeiros contatos com os povos nativos, isto é, no fim do século XVII, pelos Entradas<sup>3</sup> e pelos Bandeirantes<sup>4</sup> (LISBOA, 2016).

Aos poucos foram descobertas as primeiras jazidas localizadas no território atualmente conhecido como o estado de Minas Gerais. E enquanto a exploração do ouro atraía gente e investimentos para a região, outras localidades eram estudadas com o objetivo da identificação de fontes de ouro e minério. Este processo se estende entre os períodos colonial e imperial de nossa história. Nesta trajetória, surge a exploração das pedras preciosas no Brasil (SCHEIBE, 2001).

A partir do século XIX, iniciou-se a construção do regulamento da mineração no Brasil. Em 1891, no período republicano, o Governo Federal nomeou uma comissão para os estudos do carvão (o engenheiro Fábio Hostílio de Moraes Rego e o geólogo Gonzaga Campos).

Em 1891, foi promulgada a Constituição Republicana, que vinculava a propriedade do subsolo à do solo. Em 1904 foi publicado o livro “As Minas do Brasil e sua Legislação”, de João Pandiá Calógeras [...] Já, em janeiro de 1907, foi criado e instalado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, vinculado ao Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, que teve Orville A. Derby como primeiro diretor (LISBOA, 2016, p. 20).

Em 1930 o presidente Getúlio Vargas defendeu a nacionalização das reservas minerais do país que até então eram majoritariamente exploradas pelo capital estrangeiro, através de mecanismos legais, como:

Os decretos de 17 de julho e de 16 de dezembro suspendiam todos os atos que implicassem alienação de qualquer jazida mineral ou qualquer outro tipo de ônus para ela. [...]. No ano de 1933, [...] ocorreu também a criação da Diretoria Geral de Produção Mineral, ligada ao Ministério da Agricultura (BRASIL, p. 21, 2016).

Apesar deste histórico de criação de órgãos reguladores, autores como Gustavo Mello (2014), constatam uma defasagem na produção e divulgação de informações sobre esta atividade no país, o que pode ser atribuído a natureza de suas fontes, advindas de dados fornecidos por empresas particulares atuantes no território nacional, o que é reforçado pelo Anuário Mineral Brasileiro (AMB), segundo o qual “pode haver inconsistências nas informações disponibilizadas, por sua fonte ser dados declaratórios”<sup>5</sup>. Sendo esta fonte, o Relatório Anual de Lavra (RAL).

---

<sup>3</sup> Eram as expedições oficiais organizadas pelo governo com o objetivo de encontrar ouro na América durante o século XVI.

<sup>4</sup> Eram expedições organizadas por particulares que partiam principalmente da Vila de São Paulo. Até o século XVIII quem participava desse grupo era conhecido como paulistas ou gente de São Paulo e só depois passou a ser chamado de bandeirantes.

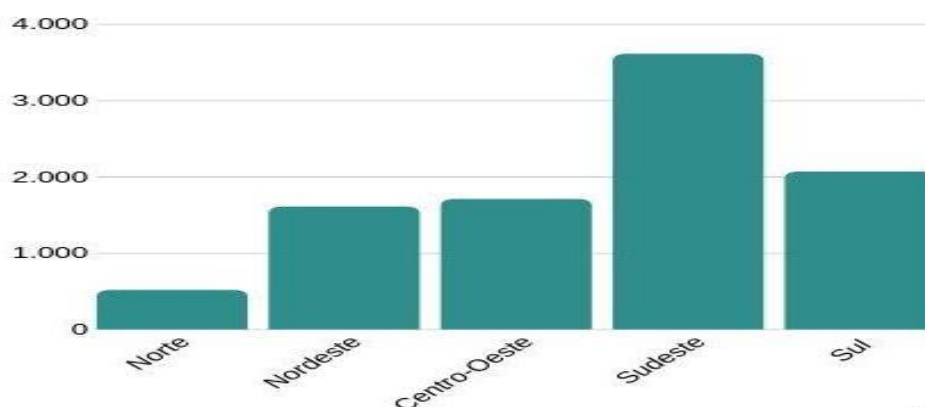
<sup>5</sup> Fonte: Portal Brasileiro de Dados Abertos. Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset/anuario-mineral-brasileiro-amb>

Entretanto, sabe-se que, de acordo com o site do Plano Estadual dos Resíduos Sólidos, “por meio do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)<sup>6</sup> que o Brasil é considerado um dos países do mundo com maior potencial para a exploração, produzindo cerca de 70 substâncias minerais, entre grupos metálicos e não metálicos” (PERS, 2022, s/p)<sup>7</sup>. No país são localizadas mais de 3000 mil minas, sendo 159 de grande porte.

De acordo com o DNPM, até 2012 as empresas mineradoras estavam distribuídas pelas regiões do país da seguinte forma:

**Figura 01** – Distribuição das mineradoras no Brasil.

## Companhias mineradoras no Brasil



Fonte: DNPM 2012

**Fonte:** Departamento Nacional de Produção Mineral.

Na imagem acima, é notável a maior concentração de mineradoras na região Sudeste do país. Vemos também, que o Nordeste apresenta uma quantidade relativamente maior que o Norte e que ficou em penúltimo lugar em relação à quantidade de companhias mineradoras no Brasil.

Dado o número de empreendimentos mineradores na região Nordeste, consideramos importante tratar a questão da história dessa atividade produtiva neste contexto, sobretudo no estado da Paraíba, que no intervalo entre 2010 e 2020, viu a duplicação da variedade de substâncias minerais extraídas de seu subsolo (respectivamente 13 e 23 diferentes tipos), adicionando-se a extração de gemas e diamantes entre as classes anteriormente exploradas - em 2010 aparecem apenas as metálicas e não-metálicas -, multiplicando-se também a quantidade de substâncias metálicas, que em 2020 é de sete, em contraposição às duas que aparecem nos dados relativos a 2010<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Substituído pela Agência Nacional de Mineração (ANM) que é uma autarquia federal criada pela Lei nº 13.575, de 26 de dezembro de 2017, e vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Disponível em: <http://antigo.mme.gov.br/web/guest/secretarias/geologia-mineracao-e-transformacao-mineral/entidades-vinculadas/dnpm>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://persmt.setec.ufmt.br/mineracao/>.

<sup>8</sup> Dados extraídos do Relatório de Produção Bruta do Anuário Mineral Brasileiro (AMB). Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset/anuario-mineral-brasileiro-amb>

## 2.2 A exploração de minérios na Paraíba

A história da exploração de minérios na Paraíba começa com a chegada dos colonizadores a essas terras. Eles utilizaram recursos naturais como barro e pedras para construir suas edificações nos lugares de exploração, sobretudo, porque seu objetivo principal era resguardar a estabilidade quanto a dominação do território recém-conquistado para, enfim, buscarem ouro, metais e pedras preciosas.

Contudo, não se tem uma base teórica aprofundada sobre essas questões na Paraíba, pois foi um assunto pouco explorado pela historiografia local. O que se sabe, segundo alguns pesquisadores, é que os primeiros europeus a chegarem aqui, não obtiveram sucesso na busca por essas preciosidades devido às condições climáticas e do solo existentes.

De acordo com Scheibe (2001) o início da história da exploração do minério na Paraíba, no ano de 1898; com forte expressão desta atividade durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), visto que nesse território havia minério de interesse russo e estadunidense. Já no final da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra (entre 1941 e 1960) com a ampliação da demanda pelas fontes de minério no mundo, assumem grande importância os pegmatitos<sup>9</sup> na Paraíba e em regiões como Minas Gerais, São Paulo e Bahia (SCHEIBE, 2001).

Na década de 1980, foi encontrada uma espécie de minério diferente de todos aqueles de que se tinha conhecimento até então, esta foi chamada de Turmalina Paraíba, por ter sido identificada em solo paraibano, especificamente no município de Salgadinho, que integra a região metropolitana da cidade de Patos. Desde então, a exploração da região em busca deste minério tem sido intensa.

No final dos anos 1990, com a globalização e o aumento do consumo de metais no mundo, a Paraíba se tornou alvo de exploradores advindos de outros locais, em uma “caça às minas” que tivessem potencial para alimentar o mercado internacional, num processo que deixava de fora a população local. Aqui a história da Turmalina Paraíba se apresenta enquanto objeto deste texto.

## 2.3 O Distrito de São José da Batalha da Cidade de Salgadinho: histórico, aspectos territoriais e descoberta da Turmalina Paraíba

Salgadinho é uma cidade paraibana que está localizada na Mesorregião da Borborema e Microrregião do Seridó Ocidental Paraibano. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (BRASIL, 2017), foi na segunda metade do século XX que Salgadinho se transformou em cidade.

Seus limites geográficos fazem divisa com as cidades de Santa Luzia, Junco do Seridó, Assunção, Juazeirinho, Taperoá, Areia de Baraúnas e Passagem. O Município tem uma área territorial de 184,237 km<sup>2</sup>. A cidade de Salgadinho foi criada em 22 de dezembro de 1961, pelo projeto de lei de número 2.676, e instalada em 30 de dezembro de 1961. Antes disso, Salgadinho era distrito da cidade de Patos.

---

<sup>9</sup> Os pegmatitos são rochas holocristalinas que apresentam granulação muito grosseira, que podem ser divididos em três tipos: homogêneo, o heterogêneo e o misto. Eles têm grande relevância econômica, pois, a partir deles há uma variedade de minerais que podem ser gerados como os pegmatitos possuem uma elevada importância econômica, principalmente devido à variedade de minerais que podem ser gerados nesse tipo de depósito, sendo eles: feldspato, caulim, mica, minerais de lítio, nióbio, tântalo, estanho, urânio, cério, ETRs, turmalina, berilo, espodumênio, etc.



**Figura 02** – Mapa com o Território de Salgadinho.



Fonte: Google Maps.

Esse município se encontra a uma distância de 246 Km da capital do estado, João Pessoa, cuja via de acesso é pela Br-230. Por estar inserido no Polígono da Secas possui um clima Tropical, quente, seco, semiárido com chuvas de verão (BELTRÃO; et. al., 2005). Ainda, sobre as condições geográficas e econômicas, é de relevância apontar que:

O município faz parte do semiárido nordestino, onde os elementos climáticos são irregulares com má distribuição da chuva. O período chuvoso vai de março a maio, com a ocorrência de 80% das precipitações nesse período, com estiagem nos demais meses do ano. [...] **a economia da região girava em torno da agricultura e da pecuária de subsistência, e também a extração caulim e turmalina em São José da Batalha. [...] mineiros que atuavam nas extrações ilegais de minério tendo o seu trabalho explorado pelos donos de minas de caulim e turmalinas [...].** (FERNANDES, 2017, p. 2). *negrito nosso*

Há, em Salgadinho, uma economia pautada na extração mineral, como foco sobre o caulim, em Olho D'Água, e a Turmalina Paraíba, em São José da Batalha, distrito deste município. Trabalhavam ilegalmente nessa atividade, mineradores advindos das classes populares, que provavelmente a viam como alternativa de subsistência em relação à agricultura e a pecuária, rentáveis nos períodos chuvosos, mas de baixa viabilidade nos meses de estiagem.

Esta profissão, tal como se apresentava na referida localidade, porém possui caráter dúbio; ao mesmo tempo em que empregava diversos pais de famílias carentes e levava a eles o sustento para seus lares também acabava ceifando diversas vidas devido à precariedade das condições da extração de minério.

**Figura 03** – Instalações empregadas na mineração em São José da Batalha, Salgadinho/PB.



Fonte: Violeta Brito, 2013.

O trabalho exercido por eles, de maneira geral, era bastante perigoso. Era comum haver diversos desabamentos e acidentes de trabalho que resultaram em danos físicos de extrema gravidade e, até mesmo, levavam à morte. Além disso, a Turmalina Paraíba foi, durante muito tempo, extraída ilegalmente e o trabalho dos mineradores pode ser associado durante esse período como um trabalho semiescravo (SOUSA, 2017), sendo algumas de suas características: a precariedade e inadequação das instalações (como pode ser observado na imagem acima), a inexistência de material de segurança contra acidentes, a ausência de registro de vínculo formal de trabalho e a conseqüente sub-valorização e sub-remuneração dos mineradores envolvidos diretamente na atividade de extração.

### **3 MEMÓRIA E HISTÓRIA DO PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DA TURMALINA PARAÍBA: DO SUBDESENVOLVIMENTO DA REGIÃO À DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO**

*Uma cidade, um campo, de longe são uma cidade  
e um campo, mas à medida que nos  
aproximamos, são casas, árvores, telhas, folhas,  
capins, formigas, pernas de formigas, até o infinito.  
Tudo isso está envolto no nome campo  
(Blaise Pascal).*

#### **3.1 A Operação Sete Chaves e a desativação da mina**

A extração irregular e o tráfico de pedras da Turmalina Paraíba, oriunda das minas da cidade de Salgadinho, era alvo de investigação da Polícia Federal desde o dia 2 de março de 2009 (VENTURA, 2015). Quando, em 2013, foram encontrados vários exemplares lapidados deste minério, sendo vendidos no estado de Minas Gerais; os fiscais responsáveis pelo caso, questionaram a origem daquelas pedras e chegaram até a empresa Parazul, que fica no Distrito de São José da Batalha.

Em 2014, foi aberto um inquérito policial que denunciou a referida empresa, pelo crime de usurpação de patrimônio, pela exploração de subsolo sem as devidas autorizações legais e por organização criminosa. Destes crimes foram acusadas

diversas pessoas que estavam diretamente ligadas à empresa que vinha agindo contra a legislação brasileira.

É importante destacar também que, segundo os autos do processo, foi comprovado durante a investigação que a exploração da Turmalina Paraíba não era uma atividade recente, pois ocorria de maneira ilegal desde a década de 1980.

A ação criminosa consistia na extração ilegal de Turmalina Paraíba, na região do Cariri paraibano. Ao longo do processo, a polícia acabou por batizar esta investigação de *Operação Sete Chaves* uma referência ao modo como as gemas são guardadas, com toda a proteção, “à sete chaves”, como diz o ditado.

A operação foi organizada pela Polícia Federal no estado da Paraíba, Procuradoria da República em Patos-PB, Procuradoria Regional da República da 5ª Região e ainda contou com o Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos da América (FBI). De acordo com os relatos sobre a operação:

Cerca de 130 policiais federais cumpriram, simultaneamente, 35 medidas judiciais nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e São Paulo. Entre as 35 medidas estão oito prisões preventivas, 19 mandatos de busca e apreensão e oito de sequestro de bens móveis e imóveis, no valor de R\$ 50 milhões, nas cidades de João Pessoa, Monteiro e Salgadinho, na Paraíba; Parelhas e Natal, no Rio Grande do Norte; Governador Valadares, em Minas Gerais e São Paulo (SP) (VENTURA, 2015, p.14).

As pessoas acusadas foram Sebastião Lourenço Ferreira e João Salvador Martins Vieira, sócios da extração ilegal; Ananda dos Santos Lourenço Ferreira, responsável por fazer a captação de clientes e de auxiliar nas remessas ilegais; Rômulo Pinto dos Santos, Ranieri Addario e Ubiratan Batista de Almeida, que eram sócios da Parazul; e, Aldo Bezerra de Medeiros, que

Desde outubro de 2013 [...] usurpavam matéria-prima pertencente à União, ao extraírem o minério Turmalina Paraíba sem autorização do Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM ou do Ministério de Minas e Energia, bem como, no mesmo período, executavam pesquisa, lavra e extração de recursos minerais sem a competente autorização, permissão, concessão ou licença do órgão ambiental competente, ambos na área da propriedade rural pertencente à empresa PARAZUL Mineração, Comércio e Exportação Ltda, localizada no distrito de São José da Batalha, município de Salgadinho-PB (BRASIL, 2015. p. 116).

Além dos nomes citados é importante apontar a participação de um afegão chamado Zaheer Azizi que possuía residência na Tailândia e tratava do comércio ilegal e da lavagem de dinheiro, também investigado por possível envolvimento com o tráfico de drogas e subsídio ao terrorismo.

Os delitos se agravaram devido ao fato de que os acusados utilizavam armas de fogo para proteção das minas, sendo ainda constatada a presença de policiais militares envolvidos nessa atividade.

Para realizar a exportação da Turmalina Paraíba, era feita uma simulação de compra e venda entre a Mineradora Terra Branca da cidade de Parelhas, no Estado do Rio Grande do Norte, e *Liberty Gems* que faziam a declaração da Turmalina Paraíba trazida de Salgadinho clandestinamente, como se fosse a turmalina comum retirada de Parelhas-RN, atribuindo-lhe um valor comercial inferior ao seu real preço de mercado.

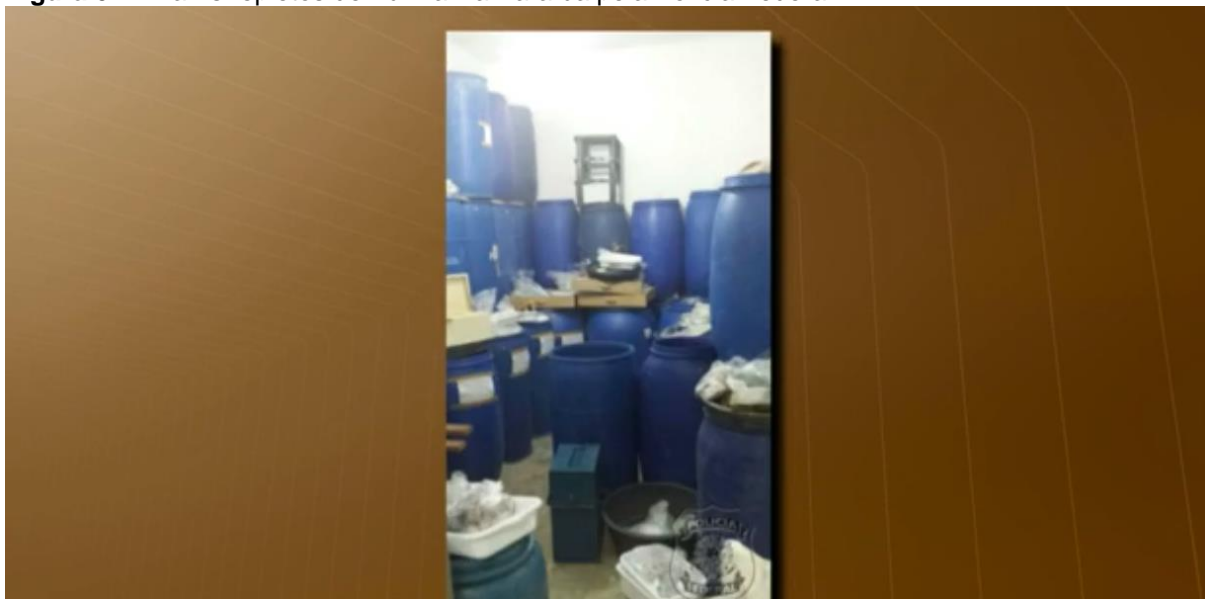
O esquema investigado pela Operação a Sete Chaves aponta que as pedras eram levadas a Governador Valadares no estado de Minas Gerais, onde eram

lapidadas, e posteriormente enviadas para os Estados Unidos da América, Tailândia e Hong Kong. Foi apontado na investigação que a maioria das pedras saíam do Brasil de forma clandestina e o dinheiro obtido com as vendas ficava em bancos internacionais principalmente nos países citados anteriormente como destino do contrabando.

Os empresários declaravam para os órgãos de fiscalização um valor muito inferior ao real de um exemplar. Eles utilizavam uma rede de empresas para realizar o suporte das operações bilionárias em negociações com pedras preciosas e lavagem de dinheiro. Para divulgar o negócio, os membros da organização criminosa participavam de eventos e feiras internacionais. (VENTURA, 2015, p.14).

Na imagem abaixo podemos identificar a quantidade de matéria prima apreendida pela Polícia Federal dentro dos barris espalhados pelo cômodo retratado. A partir desta imagem e da informação de que uma pequena pedra pode chegar ao valor de 3 milhões de reais, é possível imaginar o quanto esta prática ilegal acabou prejudicando a população local, em dimensões distintas; tanto do ponto de vista da exploração da mão de obra mal remunerada e em precárias condições de trabalho, como a partir do prisma da expropriação dos impostos que seriam revertidos para o benefício do município, do estado e da união.

**Figura 04** – Barris repletos de Turmalina Paraíba pela Polícia Federal.



**Fonte:** Bom Dia Paraíba, 2015.

Todo esse dinheiro era ilegal, pois para que se possa explorar a Turmalina Paraíba, seria necessária fazer uma solicitação junto à autarquia federal e realizar o pagamento da Compensação Financeira pela Exploração de minerais (CFEM), que é referente à contrapartida financeira paga pelas empresas de mineração devido à prática de exploração de minério em território nacional, este valor deve ser repassado à União (12%), ao Estado (23%) e ao Município (65%). Quando, de acordo com a documentação:

[...] vários crimes de lavagem de dinheiro ocorreram entre 9 de julho de 2012 a 27 de maio de 2015, período que compreende a publicação da Lei nº

13.683/2012 (inclusão de rol geral de crimes antecedentes) até a data da deflagração da “Operação Sete Chaves” (BRASIL, 2015, p. 116).

Diante desses dados constatamos que o governo foi profundamente lesado com esta ação, pois todo esse dinheiro poderia ter sido investido para melhorar a qualidade de vida da população, em especial, a da cidade de Salgadinho tendo em vista que é formada por uma população carente da qual fazia parte também os mineradores que faziam todo o trabalho bruto para a retirada das pedras preciosas das minas. Podemos dizer que a única coisa que Salgadinho ganhou com a mineração de Turmalina Paraíba foi buracos no chão.

### **3.2 Trabalho semiescravo: memória dos mineradores e precariedade das condições a partir de reportagens de jornais televisivos**

No decorrer de toda essa pesquisa nos deparamos com a trajetória de desenvolvimento do processo de mineração no Brasil ao longo do tempo até chegarmos aos acontecimentos recentes na cidade de Salgadinho, um território pobre do interior paraibano que apesar de possuir em suas terras uma das maiores riquezas minerais passa por diversas necessidades em sua estrutura social.

Ao fazer essa abordagem enveredamos pelo caminho da história local ao definir que o que acontece nesse município tem uma relevância social que merece ser investigada. Estamos falando de um processo de extração ilegal de minério, permeado por fortes relações de poder situadas no capitalismo globalizado, ligadas inclusive ao mercado internacional, e em cujas pontas, se encontram pessoas atingidas negativamente ao longo de suas trajetórias.

Os mineradores foram enganados com promessas de um salário fixo e uma porcentagem na venda da Turmalina, suas narrativas foram largamente registradas pela mídia na época da deflagração da operação, portanto escolhemos analisar as memórias desses mineradores a partir das entrevistas cedidas por eles a programas televisivos jornalísticos.

Neste contexto, entendemos que foram dados a eles, espaços de fala em pequenos recortes de tempo, figurando apenas como a parte do todo mais próxima dos veículos de mídia local, que a eles recorreram para atrair a atenção dos telespectadores. Posteriormente, suas vozes voltaram ao lugar de esquecimento.

Notamos que nos depoimentos cedidos aos repórteres a mais “não-ditos” do que “ditos”, corroborando para a constatação de que:

As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK, 1992, p.5).

Sabemos que ao trabalhar com essas reportagens estamos escolhendo realizar recortes de outros recortes que já foram previamente costurados buscando cumprir uma finalidade que é provocar espanto, surpresa e prender a atenção do telespectador, por isso dedicamos especial cuidado e atenção aos “não-ditos”, aos silêncios que pesam nas entrelinhas.

Para esta análise, foram escolhidos os seguintes veículos de comunicação: *Repórter em Ação*, da *Record*, com a reportagem “Turmalina: garimpo das desilusões”; *Bom dia, Paraíba*, com a reportagem “Seis pessoas são presas por

extração ilegal da Turmalina Paraíba” e *Fantástico* com a reportagem “Mina de Turmalina na Paraíba está no centro de fraude internacional”, da *Rede Globo*. Também fizemos uso do documento de denúncia do Ministério Público Federal e da reportagem “Garimpeiros denunciam presença de traficantes de turmalina na Paraíba” do site *Cariri Ligado*.

Esses dados permitiram ler um conjunto de memórias de um grupo de trabalhadores que têm em comum, recordações de uma situação de exploração. Apenas eles podem falar com propriedade, a respeito da situação que viveram, e transmitir as marcas dessa experiência em suas existências.

Entretanto, estamos cientes de que apesar de os trabalhadores serem uma peça fundamental para o enriquecimento desse grupo explorador, essas reportagens ainda focalizam a questão da riqueza da Turmalina Paraíba, o ato ilegal cometido pelo grupo e a riqueza em que eles viviam e deixam em segundo plano a questão da exploração humana pela qual passou o grupo de mineradores entrevistados.

Esta forma de contar a história remete a algo naturalizado em que se evidencia as pessoas marginalizadas com o intuito de criar um espetáculo em torno delas e dificilmente as colocam como protagonistas de modo a ouvir suas demandas reais e promover ações concretas de mudança social.

Em todas as reportagens se falam do ato ilegais e do dinheiro que deixou de ir ao governo, mas em nenhuma delas há uma indagação sobre a restituição do trabalho desses homens e os expõe em sua vida de poucos recursos, como se o que aconteceu com os mineradores fosse de menor valor diante do restante dos delitos narrados.

### **3.2.1. Os mineradores e suas memórias: a exploração do trabalho humano**

Elso Dantas da Silva também conhecido como “Lasca Fogo”, foi um dos garimpeiros da Parazul Mineração, Comércio e Exportação LTDA, entre novembro de 2013 e agosto de 2014. Ele prestou depoimento à Polícia Federal relatando as irregularidades do local.

Segundo o relato, Elso trabalhava há aproximadamente 20 anos com mineração em outro estado, e foi procurado por Ubiratan para sair da Bahia e exercer função de escoragem do túnel e para estourar as dinamites que abriam caminho por baixo da terra em São José da Batalha.

Ainda segundo ele, inicialmente foi determinado o salário de 1.500 reais mais 1% de sua produção, entretanto durante o período que trabalhou no local recebeu apenas o salário fixo e não a referida porcentagem sobre as pedras que ele extraiu. Mas, posteriormente, o garimpeiro descobriu que a Parazul havia extraído cerca de 60.000.000,00 R\$, o que resultaria numa comissão de 6.000.000,00 R\$<sup>10</sup>.

Elson é um dos mineradores que aparece em entrevista ao *Jornal Repórter em Ação*, na *Record*, discorrendo sobre as suas funções e as suas memórias vividas enquanto era funcionário da Parazul.

Em reportagem para a Record alguns mineradores disseram que trabalhavam de segunda a segunda, sem folga, das seis da manhã até a meia noite. Como é o caso do Pedro, 35 anos, que tinha como responsabilidade o guincho que fazia a descida e subida dos mineradores.

---

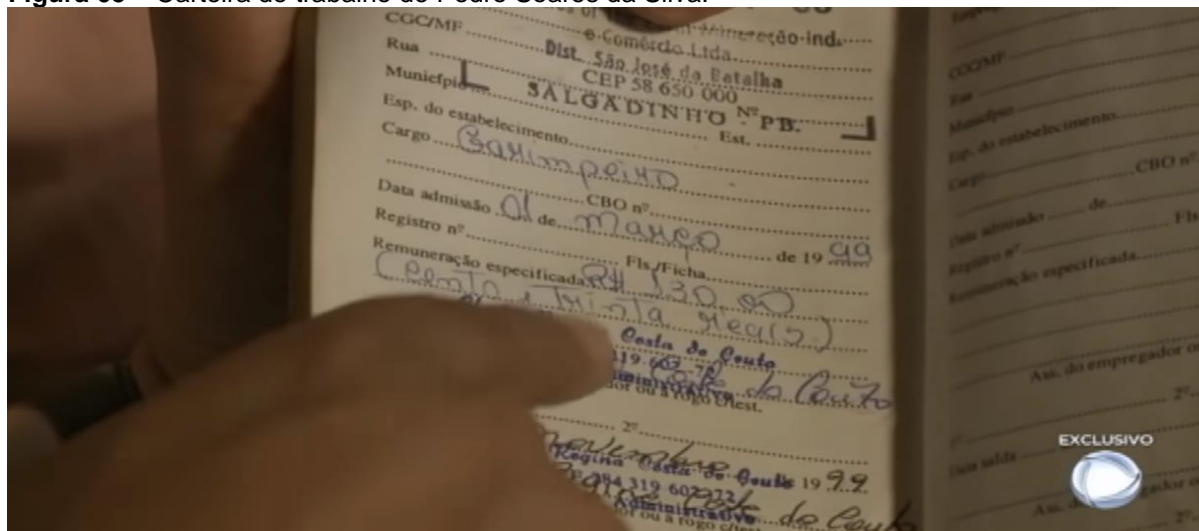
<sup>10</sup> Informações extraídas do documento produzido pelo Ministério Público Federal.

PEDRO: Eu tinha esse contrato de pegar das seis da manhã até as 12 da noite, mas quando era...  
 REPÓRTER: você trabalhava das seis da manhã à meia noite?  
 PEDRO: Às 12 da noite, todo dia.  
 REPÓRTER: 18 horas?  
 PEDRO: Todo dia, sem intervalos. Só pra almoçar. [...] Tinha semana que eu não tinha intervalo. Era direto. A semana todinha e ainda trabalhava o sábado e o domingo. Não tinha folga. (REPÓRTER EM AÇÃO, 2015, s/p).

A partir desse depoimento notamos que as condições de trabalho chegavam a ser exaustivas e abusivas, e os direitos trabalhistas eram nulos.

Durante mais de dez anos em que Pedro Soares da Silva trabalhou como garimpeiro só teve a carteira assinada durante um período de seis meses. Ele relata que recebeu, ao longo do ano de 1999, 130 reais mensais pelo seu serviço<sup>11</sup>. Nos últimos anos, além de ter um salário menor que o mínimo, Pedro ainda recebia atrasado ou apenas uma parte, por exemplo, se fosse para receber o valor de mil reais chegavam a pagá-lo 300 ou 400 reais.

**Figura 05** – Carteira de trabalho de Pedro Soares da Silva.



Fonte: Repórter em ação – 2015.

Ednaldo dos Santos, por sua vez, trabalhou durante seis meses na Empresa Parazul, quando ficou desempregado passou a viver com a quantia de 230 reais, valor que recebia do Programa do Governo Federal, Bolsa Família; e quando conseguia conquistar algum trabalho informal complementava a sua renda mensal.

Paralelo a todas as dificuldades financeiras, ele apoiava sua esposa na luta contra um câncer no útero. Os hospitais da cidade não estavam equipados e preparados para lidar com o problema de saúde que eles enfrentavam, principalmente, por falta de verba. Realidade esta que poderia ser diferente caso a Parazul não tivesse optado por agir clandestinamente roubando um dinheiro que seria usado para o desenvolvimento da cidade de Salgadinho. Viver por meio de programas assistenciais do governo não é uma realidade apenas do Ednaldo como também da maior parte da população dessa região.

Outro minerador, que não quis se identificar, disse em reportagem ao *site Cariri Ligado* (2015) que ficava indignado em arriscar sua vida por uma pedra preciosa que não poderia nem observar, que iria enriquecer apenas os bolsos de homens

<sup>11</sup> Na época o salário mínimo correspondia ao valor de 136 reais.

poderosos em troca de um salário mínimo, quando o recebia por inteiro, e aponta um perigo que ia além dos acidentes de trabalho. Vejamos:

“Arriscamos nossas vidas em busca de turmalina, mas não temos sequer o prazer de contemplar uma pedra que é do nosso lugar. Trabalhamos de empregado de outras pessoas que pagam um salário mínimo para que possamos **nos arriscar em busca da pedra que depois desaparece, ninguém sabe pra onde**. Quem pelo menos esconder uma pedrinha, é capaz de morrer”, disse um minerador que não quis se identificar com medo de sofrer represálias. (MOTTA, 2015, s/p). *negrito nosso*

Devido ao complexo esquema da organização criminosa, a Turmalina Paraíba dificilmente encontraria compradores no mercado nacional que não estivessem vinculados à mesma e que se dispusessem a pagar o preço adequado por uma gema. O que, entre outras dificuldades, provavelmente inviabilizaria completamente qualquer tentativa de contrabando por parte dos mineradores que trabalhavam na extração. Nas mãos destes homens, a Turmalina Paraíba era apenas uma pedra comum.

Os riscos de acidentes eram enormes. As minas tinham 100 metros de profundidade e 40 de extensão, sobre esse assunto é que fala mais um minerador que também não quis se identificar, em entrevista ao *Jornal da Paraíba*, ele se expressa com as seguintes palavras:

REPÓRTER: Como era o trabalho de vocês? Tudo regular?

MINERADOR: **É, até agora, carteira assinada não tinha nenhuma não.** Por causa que estava esperando essa firma que está chegando agora, que ele tava com uma parceria com essa pra começar a trabalhar e assinar as carteiras do pessoal, sabe?

REPÓRTER: Então vocês estavam trabalhando de forma irregular?

MINERADOR: É irregular. Enquanto essa firma chegava pra gente trabalhar.

REPÓRTER: **Tinha equipamento de segurança?**

MINERADOR: **Não. Equipamento de segurança não tinha não.**

REPÓRTER: **Arriscava a vida?**

MINERADOR: **É, aí tudo “escorado de pau” essas minas aí embaixo** (JORNAL DA PARAÍBA, 2015, s/p). *negrito nosso*

Este tipo de situação ocorre por causa da vulnerabilidade socioeconômica que diversas pessoas vivem por todo o mundo. Os responsáveis por selecionar e atrair cidadãos em situações de vulnerabilidade para formas de exploração do trabalho que podem ser consideradas como semiescravidão, prometem uma boa condição de trabalho e um salário justo; contudo, não é esta a realidade que efetiva. Para piorar não são fornecidos todos os materiais para realizar as tarefas de forma adequada.

No caso dos trabalhadores das minas de Turmalina Paraíba nos deparamos com um trabalho de jornada exaustiva que não possibilitava um descanso adequado, não haviam folgas, feriados, finais de semanas ou férias. Apesar disso, o salário recebido, mesmo que nesta condição, possibilitava a sobrevivência desses mineradores que viviam em um lugar onde não havia perspectiva de empregos ou de aprimoramento profissional.

A memória desses mineradores está presa em seus corpos e nos buracos deixados no chão pelas escavações, mas também podemos perceber que no processo de construção de memórias coletivas, outros ordenamentos são impostos às expressões em suas falas. O trabalho especializado de enquadramento que os repórteres fazem sobre o material bruto destes relatos, impõe determinada ordem e sentido que corrobora para a construção de outras narrativas, como dissemos, de subalternidade, abrindo espaço para o esquecimento pós-consumo.



Apesar disso, estas entrevistas ficaram guardadas como documentos de memória disponíveis para o trabalho historiográfico, através do qual se descortinam outras leituras, como aquela segundo a qual os relatos dos mineradores que foram entrevistados por diferentes veículos midiáticos, permitem a conclusão no sentido de que o trabalho do minerador era feito sem autorização do governo, sem segurança, sem equipamentos adequados, com pouca circulação de ar, de iluminação, as fiações eram gambiarras e estavam constantemente molhadas, as madeiras de escoramento podres e úmidas. Era um serviço bastante pesado e em condições sub-humanas.

Ainda há muito que se pesquisar sobre as memórias desses e tantos outros cidadãos brasileiros que vivem em ambientes de miséria e esquecimento. Pessoas estas que devido à o lugar em que nasceram, as famílias que tiveram, as faltas de oportunidade de conhecimentos, de estudos, de recursos, aos ambientes economicamente desfavorecido entre outros elementos, apesar de terem domínios de procedimentos técnicos ligados a uma área de conhecimento e saberem desempenhar com maestria uma profissão ainda são sujeitados a este tipo de tratamento por parte de pessoas que detém o poder de gerar empregos e contratar pessoas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de exploração da Turmalina Paraíba na cidade de Salgadinho-PB deixou marcas nos trabalhadores que dele fizeram parte. Podemos afirmar que ele repercutiu de maneira negativa para aquela região. Salgadinho era um lugar que possuía uma pedra tão preciosa, de tanto valor, entretanto, apesar disto, conseguiu aumentar ainda mais as barreiras de uma localidade pequena e pobre. Se sabia que o solo era bastante rico, mas a população não se beneficiava e os trabalhadores ainda por cima eram tratados com descasos pelos seus contratantes em uma dinâmica de extração de tal pedra de forma ilegal. Falar sobre este acontecimento e retratar esses trabalhadores mostra uma larga escala de diferença social materializado na desigualdade econômica.

A partir desta pesquisa podemos discutir e compreender historicamente o traçado deste caso e algumas das relações humanas envolvidas nessa operação. Ao mesmo tempo, nos é permitido direcionar o nosso olhar ao passado, para o antes. Levar em consideração que o ápice de um fato histórico é construído a partir da junção de instantes do seu antes. Quer dizer, ao olharmos para a maneira em que se originou e se desenvolveu o processo de exploração das minas brasileiras vemos que ela é feita de exploração que as camadas consideradas privilegiadas, que detém o capital material e cultural, fazem com as camadas menos favorecidas, que se referem às pessoas com poucos recursos financeiros. A história se repete, mudam-se apenas os personagens. Em pleno século XXI, após diversos avanços na constituição brasileira, podemos nos deparar com a exploração de trabalhadores em minas.

Após a investigação da Polícia Federal veio à tona uma nuvem de crimes que vinham ocorrendo desde a década de 1980. A Operação Sete Chaves relevou uma prática ilegal que prejudicava não somente a região da cidade de Salgadinho como também todo o Brasil. Salgadinho é um território rico que não usufruiu da riqueza que possuía isto, porque no território a exploração da Turmalina Paraíba não passou pelo crivo das normas legais. Visto Toda a transação, transporte e comércio dessas pedras preciosas foi feita de maneira ilegal e exploratória, pois não foi feito o pagamento dos devidos impostos que viriam a ser revertidos para o município, estado e união.

Abordar esta temática é fazer uso dos caminhos da história local, é situar nosso objeto e lugar de investigação em um espaço de visibilidade. Destaca-se neste contexto principalmente a figura dos mineradores que foram envolvidos na promessa de obterem um salário junto com uma porcentagem nas vendas da Turmalina Paraíba e foram ludibriados. Eles eram pessoas de origem humilde, quase sem nenhuma escolarização, que seduzidos por uma possível melhora de vida a partir dos pagamentos prometidos passaram pela experiência de realizar um trabalho semi-escravo. Além do salário não ser exatamente o combinado, eles adentravam em lugares extremamente perigosos sem os devidos recursos. Por isso, foi importante investigar sobre o desenvolvimento dessa investigação a partir da perspectiva dos mineradores.

Para tanto, o uso de veículos de informação foi essencial para obter esse contato. Nas entrevistas foi possível captar aspectos das memórias daqueles trabalhadores. É relevante destacar que da maneira em que essas memórias foram acessadas temos também a interferência das edições dos jornais que entrevistaram os mineradores, portanto não fizemos uma análise da fala bruta desses personagens, porém de um recorte programado pelas redes televisivas. O ideal seria a entrevista com os mineradores, entretanto esta metodologia de análise foi impossibilitada pela pandemia do novo Corona Vírus.

Elson, Pedro e Ednaldo são nomes de pessoas que passaram pela experiência de trabalhar horas exaustivas e abusivas na Empresa Parazul. Além do trabalho duro, alguns deles não recebiam nem o salário inteiro, nem em dia e, para completar, passavam por alto risco de acidentes. Este lugar de vulnerabilidade foi dado a eles devido às suas vulnerabilidades econômicas. Nesse contexto era melhor, para os mineradores, trabalhar muito e ganhar pouco para sobreviver do que pedir demissão e tentar conseguir outro emprego, pois era bastante difícil conquistá-lo e havia um alto risco em perdê-lo. Desse modo, foi possível entrar em contato com essas histórias e compreender as condições sociais e econômicas por eles repassadas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, S.F. (1973) - **Recursos Minerais do Brasil**. São Paulo, Edgar Blücher, Ed. da USP; Rio de Janeiro, Inst. Nac. Tecnologia. 2 v., ilustr.

BARRETO, M. L. **Mineração e desenvolvimento sustentável: desafios para o Brasil**. CETEM/MCT, Brasil. 2001. Disponível em: <<http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00000729.pdf>>. Acesso: 30 de março de 2021.

**TODOROV**, Tzvetan. **A Conquista da América**. A Questão do Outro. São Paulo, 4 Ed. (2010)

BARROS, Jose de Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH – Revista de História da UFOP**, n. 15. 2005. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/321024813\\_A\\_Historia\\_Social\\_seus\\_significados\\_e\\_seus\\_caminhos](https://www.researchgate.net/publication/321024813_A_Historia_Social_seus_significados_e_seus_caminhos)>. Acesso em 30 jan. 2022.

BARROS, José D'Assunção. O lugar da história local. In: **A Expansão da História**.

Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/321111136\\_O\\_Lugar\\_da\\_Historia\\_Local](https://www.researchgate.net/publication/321111136_O_Lugar_da_Historia_Local)>. Acesso em 30 jan. 2022.

BELTRÃO, Breno Augusto; MORAIS, Franklin de; MASCARENHAS, João de Castro; MIRANDA, Jorge Luiz Fortunato de; JUNIOR; Luiz Carlos de Souza; MENDES, Vanildo Almeida. **Diagnóstico do Município de Salgadinho**. Ministério de Minas e Energia: Recife, 2005. Disponível em: <[http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16470/Rel\\_Salgadinho.pdf?sequence=1](http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16470/Rel_Salgadinho.pdf?sequence=1)>.

BOM DIA, PARAÍBA. **Exploração de Turmalina na Paraíba é destaque no Fantástico**. Bom dia, Paraíba: João Pessoa, 8 jun. 2015. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4236794/>>.

BRASIL. **Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM)**. Indicadores da produção mineral, A revista Brasil Mineral, Signus Ed. Ltda. São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Salgadinho**. IBGE. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/salgadinho/historico>>.

BRITO, Violeta Viera de. **A turmalina paraíba e seus cenários**. Monografia do curso de Bacharel em Geografia da UFPB. Orientador: Prof. Dr. José Augusto Costa de Almeida. João Pessoa – PB 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/502/1/VVB24102013.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2021.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, v. 7, nº 13, p. 272-292, 2018. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393/271>>.

CIAVATTA, Maria. A memória dos trabalhadores de classe subalterna e construtores da democracia. **Trabalho e Educação**: Belo horizonte, n. 11, jul-dez, p. 33- 48, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8990/6476>>.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. Geografia: **Conceitos e Temas**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FANTÁSTICO. **Mina de Turmalina na Paraíba está no centro de fraude internacional**. Rede Globo, Rio de Janeiro, 7 jun. 2015. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4236373/>>.

FERNANDES, Francisco Rego Chaves. LIMA, Maria Helena M. Rocha. TEIXEIRA, Nilo da Silva. **Grandes Minas do Semiárido brasileiro e o desenvolvimento local**. In: Recursos minerais & sustentabilidade territorial. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://mineralis.cetem.gov.br>. Acesso em 30 de março de 2021.

FERNANDES, Ivo. **Práticas, memória e saberes de um parteiro de Salgadinho (1996 a 2009)**. 2017. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conidis/2017/TRABALHO\\_EV074\\_M D1\\_SA10\\_ID730\\_22062017103814.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conidis/2017/TRABALHO_EV074_M D1_SA10_ID730_22062017103814.pdf)>.

IBRAM. **As Riquezas Minerais da Paraíba**. Paraíba. Disponível em: <[http://ibram.org.br/150/15001002.asp?ttCD\\_CHAVE=120715](http://ibram.org.br/150/15001002.asp?ttCD_CHAVE=120715)> Acesso em: 02 abril de 2021.

IBRAM. **Gestão para a sustentabilidade na mineração: 20 anos de história**. 2012. Disponível em: <http://www.ibram.org.br/>. Acesso: 01 de abril de 2021

JESUS, Elen Monique Freitas de; SANTOS, Maria Camina Coutinho dos; FREIRE, Avelino José. **Potencialidades minerais do estado da paraíba**. Campina Grande, 2016.

LISBOA, Maurício Santos. **A exploração do minério de vanádio no município de Maracás/BA: os impactos socioambientais da mineração e seu beneficiamento no povoado de água branca**. Salvador 2016, Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental. 2016. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/123456730/323/3/MAURICIO%20SANTOS%20 LISBOA.pdf>. Acesso em 30 de março de 2021.

MELLO, Gustavo. **Panorama da Exploração Mineral no Brasil: quem, o quê, onde?** ADIMB (Agencia para o desenvolvimento tecnológico da indústria mineral brasileira). Ouro Preto, MG- 14/maio/2014. Disponível em: [http://www.adimb.com.br/simexmin2014/pdfs/14/09H50%20GUSTAVO%20MELLO.p df](http://www.adimb.com.br/simexmin2014/pdfs/14/09H50%20GUSTAVO%20MELLO.pdf). Acesso em 02 de abril de 2021.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Denuncia Operação Sete Chaves**. 2015.

MOSCOGLIATO, Marcelo. Exploração de recursos minerais: questão ambiental ou patrimonial? In: **Anais do 4º Congresso Internacional de Direito Ambiental**. São Paulo: IMESP, de 4 a 7 de Julho de 2000.

FEITOSA, Maria Luiza Pereira de Alencar Mayer; et. al. Caso Turmalina Paraíba: Análise dos desdobramentos jurídicos e violações a direitos humanos. In: **Políticas de regulação das empresas transnacionais por violações aos direitos humanos na América latina [recurso eletrônico]: estudos de caso**. João Pessoa: Editora UFPB: Gráfica UFG, 2018. p.501 - 671.

MOTTA, Daniel. Garimpeiros denunciam presença de traficantes de turmalina na Paraíba. **Cariri Ligado**, Monteiro, 13 jan. 2015. Seção Última Hora. Disponível em: <<https://www.caririligado.com.br/garimpeiros-denunciam-presenca-de-trafficantes-de-turmalina-na-paraiba-fotos/>>

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <[http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202 .pdf](http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf)>.

REPÓRTER EM AÇÃO. **Turmalina o garimpo de ilusões**. Rafael Gomide. São Paulo: Record, 2015. Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DM6mJtKUU6o>> Acesso em 29 abr. 2021.

SCHEIBE, Luiz Fernando. **Exploração dos recursos minerais no Brasil: 500 anos de desenvolvimento?** In: Encontro de Geógrafos de America Latina, Departamento de Geociências Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SIQUEIRA, Gustavo Henrique. **Conquistando um pedaço de chão: memórias e experiências dos trabalhadores sem-terra em Abelardo Luz (SC), 2014 - Curso de Licenciatura em História.** Universidade Federal de Santa Catarina. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/124805/TCC%20Gustavo%20Henrique%20de%20Siqueira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em 29 jan. 2022.

SOARES, Dwight; BEULEN, Hartmut; GONZAGA, Francisco; et. al. Variedades Gemológicas de minerais da província pegmatítica da borborema, NE do Brasil: uma síntese. In: 56

**Estudos Geológicos** Vol. 28(1) 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Hartmut-Beurlen/publication/327216140\\_VARIEDADES\\_GEMOLOGICAS\\_DE\\_MINERAIS\\_DA\\_PROVINCIA\\_PEGMATITICA\\_DA\\_BORBOREMA\\_NE\\_DO\\_BRASIL\\_UMA\\_SINTESE/links/5dd587ab299bf11ec866c698/VARIEDADES-GEMOLOGICAS-DE-MINERAIS-DA-PROVINCIA-PEGMATITICA-DA-BORBOREMA-NE-DO-BRASIL-UMA-SINTESE.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Hartmut-Beurlen/publication/327216140_VARIEDADES_GEMOLOGICAS_DE_MINERAIS_DA_PROVINCIA_PEGMATITICA_DA_BORBOREMA_NE_DO_BRASIL_UMA_SINTESE/links/5dd587ab299bf11ec866c698/VARIEDADES-GEMOLOGICAS-DE-MINERAIS-DA-PROVINCIA-PEGMATITICA-DA-BORBOREMA-NE-DO-BRASIL-UMA-SINTESE.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2022

SOUSA, Ivo Fernandes de. **Cortando Fios de Vida, tecendo histórias de afeto: memória e saberes das parteiras de salgadinho-paraíba (1970-1980).** Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15166/1/PDF%20-%20Ivo%20Fernandes%20de%20Sousa.pdf>>.

VENTURA, Janielle. **A união**, João Pessoa, 28 de maio de 2015. Turmalina Paraíba: operação combate extração ilegal. 2015. (p.14).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças em vários momentos em que pensei em abandonar o curso.

Agradeço a minha mãe, Maria Solange, e ao meu pai, José Luciano, ela merendeira e ele agricultor, por ter me incentivado a estudar desde criança, trazendo a sua experiência de não terem sido alfabetizados como lição para mim e para minhas irmãs. Agradeço a eles por terem lutado e trabalhado duro para criar os seus três filhos e torná-los seres humanos dignos e responsáveis.

Agradeço a minha esposa, Rozilda Silva, que sempre me apoiou durante toda minha vida acadêmica e na nossa vida conjugal, lutando ao meu lado para a construção de um futuro melhor para nós.

Agradeço à minha orientadora Deise Silva Sousa por todo o apoio prestado durante o processo de construção deste texto, pois sua dedicação foi fundamental

para me direcionar nessa jornada. Da mesma forma, gostaria de agradecer aos professores Hilmária Xavier e José Júnior por fazerem parte da banca examinadora.

Agradeço também aos meus colegas de sala por todo conhecimento compartilhado nos debates, nos seminários e eventos relacionados ao curso. Em especial agradeço ao nosso grupo de estudos, carinhosamente “batizado” de “Almas Sebosas” composto por Everton Azevedo, Francisco de Assis (Chicão, em memória), Rafael Garcia e Walter Aguiar. Não poderia deixar de agradecer a minha amiga Victória Melissa, que sempre me ajudou quando havia dúvidas nos trabalhos e pedia “socorro” a ela, para que, com sua experiência e conhecimento, me ajudasse a sanar as mesmas.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os professores do curso de Licenciatura Plena em História que contribuíram significativamente para minha formação, não apenas como aluno, mas também como ser humano. Agradeço a coordenação do curso e a todos que dela fazem parte. Agradeço também a instituição UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) pelo excelente curso oferecido, que forma a mais de meio século profissionais de excelência nas mais diversas áreas de conhecimento.